



E AGORA... MR. NOOBELLLL!

Senhores e senhoras, com doutorados múltiplos, consultoria a diversos governos, livros e mais livros publicados e incontáveis citações no Google, temos o prazer de passar a palavra... Dito isso, ele apareceu. Sim, o venerado Prêmio Nobel, o oráculo, o economista *off-road*, que, nos últimos meses, tem espalhado esperança ou descrença – depende do gosto do freguês – pelas mais diversas latitudes. “Desculpe, mas temos apenas meia hora. Você sabe, tenho uma conferência...”, disse. Foi a única entrevista em sua breve passagem pelo Brasil – o sexto país visitado em pouco mais de uma semana. *Insight Inteligência* preserva o sigilo da fonte. Esconde o santo, mas compartilha seus milagres, descortinando o pensamento do intocado e entocado economista. Silêncio! Ele vai falar. Realmente, são palavras que valem ouro.

"A MINHA
PROJEÇÃO É
QUE O BRASIL
DEVE VOLTAR
A CRESCER
A QUALQUER
MOMENTO"

Sr. Nobel, gostaria de ouvir suas dotas conclusões sobre o impacto da crise no Brasil vis-à-vis as demais economias emergentes.

Primeiramente, vamos quebrar esse clima de formalidade, me chame simplesmente de Nobel. Uma das minhas principais conclusões é que todos perderam com a crise. É claro que uns mais, outros menos. A China, por exemplo, está onde sempre esteve, um degrau acima dos demais emergentes. É por isso que eu chamo os Brics de Crips. Os chineses estão se voltando para o seu mercado interno, objetivando compensar a queda do comércio internacional. Eles têm muita gente lá, podem consumir parte da própria produção. No *front* externo, não vão ficar esperando calmamente a crise passar. Tendem a tomar medidas protecionistas, como incentivos às exportações. Será um daqueles que vão colocar carvão na fogueira do protecionismo. Os russos, com sua economia ancorada no petróleo, gás e roubo, estão na pior situação. Resta a eles se embriagar de vodka. A Índia vai crescer menos, mas vai crescer. Ajuda o fato de o inglês ser a segunda língua deles. Bem, e o Brasil tem os fundamentos sólidos, e os fundamentos são fundamentais. Mas, eu gostaria de chamar a atenção para o tipo de crise econômica que nós estamos atravessando e sua possibilidade de prolongamento, que independe de modelos matemáticos ou equações

estocásticas, mas sim das decisões acertadas de política econômica. É uma crise única, instalada no coração financeiro da economia mundial e que coloca em xeque a credibilidade dos ativos escriturais. Já se falou que a curva da crise pode ser em forma de "L", o que pressuporia uma grande estagnação. Falou-se em forma de "U", o que levaria a uma rápida e acelerada recuperação. Agora, temos a perspectiva de um "W", que enseja descidas e subidas recorrentes. Eu proponho um "Y", que configura uma crise de múltipla escolha. É uma opção muito mais garantida e ainda tem uma conotação erótica. De qualquer forma, não sabemos se estamos no fim do começo ou no começo do fim. Eu cravo no meio.

Nobel, o Brasil entrou na chamada recessão técnica – alguém disse que dois trimestres consecutivos de queda do PIB configuraram uma recessão e colocou. Esse cenário de crescimento negativo se reverte neste ano?

Projeções sobre o PIB não são uma artesanaria, mas matemática pura. É possível que na área da econometria haja poucos exercícios que admitam tamanha pluralidade de modelos. Cada um escolhe o que lhe aprouver, roda no computador, e até a divulgação do resultado oficial a projeção de todos está correta. No final, porém, só um acerta, é claro. No Brasil, tive informações de que existem projeções do Banco Central,

do IPEA, da FGV, do Ministério da Fazenda, das instituições financeiras, ex-ministros, colonistas e fontes em *off the record*. Todas respeitáveis porque, ao seu jeito e maneira, são capazes de influenciar as expectativas racionais. Há quem discorde, como o respeitável professor Mário Henrique Simonsen, para quem o fundamento da teoria das expectativas racionais é um estelionato verbal, pois se considera racional quem se comporta de acordo com a teoria. Há quem radicalize, afirmando o caráter científico da auto-realização de profecias feitas por personagens de notória influência junto ao mercado, notadamente quando em interesse próprio. Normalmente, prefiro o caminho do meio, porque, cientificamente, pode ser que sim, pode ser que não. O fato, é que na minha chegada ao país, fui recebido em um jantar de economistas, no qual cada um apresentou sua projeção do PIB. Como não tenho meu próprio modelo, pensei em fazer uma mediana das diversas estimativas, mas verifiquei um mastodôntico coeficiente de dispersão. Preferi então não citar qualquer percentual. A minha projeção é que o Brasil deve voltar a crescer a qualquer momento, até porque os fundamentos são bons, e o fundamental são os fundamentos.

Nos Estados Unidos, o investidor médio sempre teve uma presença marcante no mercado de ações. No Brasil, a crise chegou justamente no momento

em que a Bolsa de Valores procurava se consolidar como um habitat para aplicadores de menor porte. Nobel, o senhor considera que haverá uma mudança de comportamento do investidor e uma queda das aplicações em títulos mobiliários?

Quem perdeu muito dinheiro, proporcionalmente aos recursos disponíveis, sentirá o trauma e certamente demorará a voltar ao mercado. Talvez nem retorne. Fiquei surpreso se voltarem à Bolsa no curto prazo, embora esta seja uma decisão individual – não obstante, também exista no mercado financeiro aquilo que Ortega y Gasset chamou de o “homem-massa”, o indivíduo desprovido de valoração especial, formado a partir do mimetismo gregário; se a manada voltar a caminhar na direção das bolsas, ele a seguirá pela total impossibilidade de se ver diferente dos demais. Onde estávamos? Ah, sim... Por outro lado, aqueles que dispunham de uma quantidade pequena de recursos alocada em ações terão maior estofo para esperar pela recuperação do mercado. Com isso, não chegarão nem mesmo a realizar seus prejuízos. Ainda assim, é natural que ocorra certo receio em novos investimentos. Com a crise, as pessoas ficam mais preocupadas com o que estão gastando ou economizando. Além disso, há o fator da segurança humana. Chamou-me atenção um estudo feito, certa vez, por uma

consultoria, não me lembro bem se na África do Sul ou na Dinamarca. Ficou provado que a circulação de pessoas em uma rua cai, em média, 20% quando há notícias de um crime no local. Depois de certo tempo, as pessoas voltam a andar pelo lugar, até porque descobrem que também há casos de assaltos na rua paralela. Aos poucos, as pessoas se esquecerão do trauma e voltarão à Bolsa.

Nobel, que mundo sairá desta depressão econômica? O que ocorre depois de uma crise financeira desta magnitude?

Tudo dependerá das políticas adotadas. O *day after* da crise, que ainda não se sabe se está logo ali na esquina ou léguas depois do infinito, será a soma das medidas implementadas pelos países centrais com as decisões tomadas pelas economias emergentes. Uma gripe pode ser apenas uma gripe se o doente tomar chá de limão, mel, própolis e evitar sair na friagem sem um agasalho. Pode também virar uma pneumonia se ele desconsiderar seu real estado e cometer excessos que contribuirão para o agravamento da sua saúde. Não basta o remédio certo; o doente também tem de se ajudar.

Aqui no Brasil, havia um mú-sico chamado Tim Maia que costumava dizer: “O problema do Brasil é que traficante se vicia, prostituta se apaixona e café

sente ciúmes”. E um Nobel, perde dinheiro na crise? Como está sua vida nos últimos meses?

Não tenho do que me queixar. Sempre levei uma vida espartana, de hábitos modestos. Sou também um investidor conservador. Não me lembro de ter perdido um único *cent* em qualquer aplicação. Quem perde dinheiro lá em casa é minha mulher, que administra todas as nossas economias. Aliás, no dia de minha viagem ao Brasil, enquanto ela dobrava meus pullovers e organizava as pastas com as transparências para minhas palestras, virou-se para mim e disse: “Acadêmico” – sim, ela me chama de Acadêmico desde que nos conhecemos na universidade – “Você não acha que quem mais ganhou com a crise foram os próprios economistas?”. Olhei firme para ela e falei: “Meu amor, o vermelho, não. É muito fino. Pega a suéter bege. Já é quase inverno lá no Brasil”. Outro dia, estava reunido com o presidente do banco central de um país africano, ao qual estou prestando uma pequena consultoria desde setembro, e ele me perguntou: “Se passarmos dez anos sem uma nova crise internacional, o senhor não acha que os economistas vão criar uma?”. Respondi a ele: “Em hipótese alguma. Dez anos é tempo demais. Até lá estaremos todos mortos. De fome ou de tédio”. Mas, como ia dizendo, não tenho motivos para lamentos. Já estava pensando em comprar um rancho e curtir minha aposentadoria e,

de repente, a vida voltou a ficar excepcionalmente emocionante. Há dois dias, estava do outro lado do mundo, falando sobre a relação econômica simbiótica entre a China e os Estados Unidos – aquilo que o meu colega Niall Ferguson batizou recentemente de “Chimérica”, mas eu prefiro chamar “América”. Agora, estou sentado aqui, diante de você, trocando amáveis impressões. Dentro de meia hora, no mais tardar, estarei frente a uma plateia de 300 empresários a quem não poderei decepcionar. Todos estarão sequiosos por um aceno, uma palavra ou um slide de *powerpoint* que lhes resgate a esperança. Semana que vem... Bem, não sei ao certo onde estarei semana que vem. Meu agente ainda não me passou a programação.

Nobel, os especialistas nacionais responsabilizam o governo pelo aumento nos gastos correntes do governo – fruto de melhorias salariais do funcionalismo público e contratação de novos servidores –, o que estaria exaurindo a capacidade estatal de investimento e, com isso, promovendo políticas pró-cíclicas. O que acha dessa opinião?

Não me surpreende. Estive recentemente na Guatemala e dei justamente o Brasil como exemplo do que os guatemaltecos não deveriam fazer para enfrentar a paralisação das atividades econômicas daquele país andino.

Nobel, os últimos resultados revelam, entretanto, que a resistência da economia brasileira se baseia na capacidade de consumo do mercado interno, o qual continua elevado.

Bem, mas segundo fui informado, isso se deve às políticas sociais do governo Lula e à garantia do salário real que vem sendo mantida, muito próprio, aliás, de governos de inclinação popular. Como liberal, aplaudo essas políticas.

Nobel, e como ficam, então, os recursos necessários para investimento?

Esse, de fato, é um problema das economias emergentes, cujo comportamento ainda é um mistério para nós, economistas.

Alguma sugestão, Nobel?

Sim, definitivamente cortar o máximo nos gastos governamentais e assegurar a manutenção do poder de compra da população.

Não são incompatíveis?

Não há nada de incompatível em economia quando se encontram as equações apropriadas. Estamos trabalhando nisso.

Como o senhor vê essa fixação pelo estado mínimo no caso específico do Brasil?

O Brasil é a própria jabuticaba, para usar uma expressão que vocês adoram. Trata-se, sem dúvida, de um caso extremamente particular.

"QUANTO MAIS

BRASILEIROS

ESTIVEREM

MANIPULANDO

AS FINANÇAS

INTERNACIONAIS

MELHOR SERÁ

PARA O BRASIL"

Popper dizia que só é verdade, portanto ciência, aquilo que pode ser refutado. No entanto, no caso do Brasil, a questão do estado mínimo é talvez a única verdade científica que contraria a teoria da refutabilidade de Popper. Estamos diante de uma tese cientificamente provada, uma verdade, que não pode ser refutada. Compreendeu? Não obstante ser uma exceção, não quer dizer que se trate de um dogma. É ciência sendo comprovada pelo avesso.

Como o senhor, mesmo à distância, adquiriu tantos conhecimentos sobre o Brasil?

Sempre fui fascinado pelo país de vocês. Na universidade, havia um professor, de matemática algorítmica, que costumava dizer: "Vocês só saberão o que realmente é a América no dia em que conhecerem o Brasil". Acho que, às vezes, ele terminava a frase com Bolívia ou Argentina, não me lembro bem. Não importa. Meu primeiro contato com o Brasil se deu por meio do cinema. Quando era criança, assistia junto com meu avô a filmes de Carmem Miranda. É verdade que fiquei um pouco desapontado ao saber que ela era portuguesa, embora ache que isso não rouba nem um pouco da sua brasilidade. Depois, me encantei com a bossa nova. Quem não se encanta com a bossa nova? Nos últimos anos, passei a acompanhar mais de perto as peculiaridades do Brasil. Fiquei muito bem impressionado com duas palestras

do ex-presidente Cardoso na Brown University. Ele tem um excelente poder de síntese.

O que o senhor diria para os jovens que estão cursando as faculdades de economia, no Brasil?

Que não se desesperem, que estudem cálculo 1, cálculo 2, cálculo 3, com o maior afinco e pensem que há esperança em Chicago, Nova York, Boston e Califórnia, só para citar as praças de alguns dos doutorados mais votados. Depois poderão ajudar o país trabalhando em algumas das casas bancárias e gestoras de fortunas que concentram a riqueza do mundo. Quanto mais brasileiros estiverem manipulando as finanças internacionais melhor será para o Brasil. Agora, se a dedicação for integral e o talento afinado com o labor, é possível almejar, inclusive, um Nobel. Por que não? Um Nobel brasileiro, sim senhor.

Nobel, em poucas palavras, qual a receita para o sucesso brasileiro?

Um verdadeiro "estadocídio", com um superávit fiscal de 30% do PIB, centralização dos gastos federativos, austeridade monetária, redução dos gastos com o Judiciário, Legislativo, Forças Armadas, e um Banco Central independente de tudo e de todos.

A receita não é excessiva? Depende por onde se olha.